

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	4 entregas
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

16.º Anno — XVI Volume — N.º 532

Redacção — Atelier de Gravura Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.

I DE OUTUBRO DE 1893



UMA CIGANA — QUADRO DE GREETERE



CHRONICA OCCIDENTAL

Apesar de estar ainda muita gente fóra de Lisboa, da estação balnear demorar ainda pelas praias muitas das principaes familias da capital, a recepção de grande gala, no paço da Ajuda, na quinta feira 28 de setembro, dia dos annos de Suas Magestades El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia, foi concorridissima como o costuma ser sempre n'este dia, em que se trata mais d'uma festa de familia do que d'uma festa official.

A's duas horas da tarde estavam já as salas do Palacio da Ajuda cheias de paizanos, de militares, de officias de marinha, que iam ali levar os seus parabens aos augustos soberanos e ás tres horas abriu-se a sala do throno, onde Suas Magestades El-Rei e a Rainha D. Amelia, acompanhados pelas suas casas civis e militares e pelo ministerio, receberam os cumprimentos de todos que ali foram felicitados pelo seu anniversario.

O desfile do cortejo levou cerca d'uma hora, e findo elle, Suas Magestades seguiram no comboyo para Cascaes, onde os esperava uma calorosa e festiva recepção feita por todas as familias á banhos n'aquella praia.

Sua Magestade a Rainha Sr.^a D. Maria Pia, não assistiu á recepção por causa da doença de seu filho, o sr. infante D. Affonso, que muito melhor da febre typhoide que ultimamente o atacou, está ainda muito abatido, e de quem Sua Magestade tem sido amantissima e disvelladissima enfermeira.

A noite houve illuminações em Lisboa e em Cascaes, e as bandas dos regimentos tocaram á porta dos seus quartéis.

Segundo referiram alguns jornaes na recepção de grande gala no Paço d'Ajuda houve um pequeno desaguisado ácerca de pragmatica, entre um mestre de cerimoniaes do paço e o sr. presidente do conselho de ministros, desaguisado que faz pensar alegremente n'aquelle famoso «contra a etiqueta» da *Morgadinha de Valle Flór*.

E a proposito da celebre *Morgadinha* uma noticia muito grata para nós e com toda a certeza para todos os nossos leitores.

Pinheiro Chagas, o glorioso auctor d'essa formosa peça e de muitas outras que, como ella, são honra do theatro portuguez contemporaneo, Pinheiro Chagas, o grande escriptor, o grande orador, o grande jornalista, o nosso querido amigo, está quasi completamente restabelecido da impertinente doença, que durante mezes o trouxe afastado dos seus trabalhos.

Graças ao seu robusto organismo, graças á sciencia e solicitude dos seus medicos, graças aos desvelos dos seus estremecidos filhos, graças ao bom ar e ao repouso que tem tido em Linda a Pastora, Pinheiro Chagas acha-se já em plena convalescência da sua enfermidade, já tomou posse do seu lugar de presidente da junta do Credito Publico, já tem escripto para jornaes de Lisboa e do Rio de Janeiro, e para o OCCIDENTE, como os nossos leitores tem tido occasião de ver, já se inscreveu entre os conferentes que por occasião do centenario do Infante D. Henrique hão de fallar na cidade do Porto.

E' com immenso jubilo que damos aqui esta boa noticia aos nossos leitores.

* * *

No dia immediato ao dos annos de suas magestades houve uma grande revista militar no hypodromo do Bom Successo, revista que foi o epilogo das manobras militares tão discutidas na imprensa.

Depois de repetidos exercicios nos arredores de Lisboa e nos arredores do Porto, exercicios que fizeram com que El-Rei D. Carlos fosse na semana passada á cidade invicta assistir a elles, realisou-se na sexta feira 29, ás 2 horas da tarde no Bom Successo, uma revista das brigadas de instrucção, revista passada por El-Rei D. Carlos e pela Rainha a sr.^a D. Amelia, que a cavallo, trahendo elegantemente de amazona, acompanhou seu augusto esposo.

A revista no Hypodromo produziu brilhante effeito e teve enorme concorrência de peões e de carruagens, a assistiram a ella.

* * *

A commissão da imprensa, eleita pelos jornaes de Lisboa, para angariar donativos para os

açorianos, victimas do terrivel cyclone, a que o OCCIDENTE se tem largamente referido, tem continuado zelosamente os seus trabalhos e já tem levado a cabo alguns d'elles com feliz exito, como por exemplo a tourada que no domingo 24, se realisou no Campo Pequeno, tourada, que apesar do tempo chuvoso que n'esse dia fez, produziu cerca de dois contos de réis livres.

Agora a commissão trabalha activamente a levar a effeito a festa no Jardim da Estrella, festa que consistirá em kermese, jogos, fogos d'artificio e que deverá realizar-se nos dias 21, 22 e 23 de outubro corrente.

Em Cascaes deve tambem effectuar-se por todo o mez a kermesse promovida por Sua Magestade a Rainha em favor dos açorianos, kermesse para que já ha numerosos e valiosos premios offercidos.

Emquanto á recita theatral em beneficio dos açorianos parece que se espera pela chegada das companhias dramaticas do theatro de D. Maria e do theatro do Principe Real, companhias que veem já a caminho de Lisboa.

Os ultimos acontecimentos do Brazil, acontecimentos de que se não sabem promenores mas de que não se ignora todavia a gravidade, causam viva inquietação entre as familias e os amigos dos artistas portuguezes que ali estavam e de quem durante semanas não houve noticia alguma.

Essa inquietação acalmou-se ha dias com a noticia que veio de que a companhia do Principe Real deve estar a chegar a Lisboa e a companhia de D. Maria deve sahir do Rio no paquete de 3 do corrente.

A respeito do resultado do trabalho das duas companhias são desconstradas as versões.

Emquanto á companhia do Principe Real parece averiguado que fez bons interesses, mas emquanto a de D. Maria sabe-se de positivo que durante a sua primeira serie de espectaculos no Rio de Janeiro ganhou muito dinheiro mas depois umas versões dizem que desagradou e teve poucos lucros em S. Paulo, e que poucos lucros continuou a ter nos espectaculos que depois do seu regresso le S. Paulo deu no Rio, outros affirmam que agradou muito em S. Paulo, fez muitos interesses, interesses e agrado que continuaram depois, na sua segunda serie de espectaculos no Rio.

Em abono da primeira versão, afirmou-se que o beneficio do illustre actor João Rosa, com a primeira representação do *Alfageme de Santarem*, não tinha conseguido encher o theatro.

Efectivamente assim foi; soubemol-o por duas pessoas que assistiram a esse beneficio, os nossos presados amigos o sr. conde de S. Salvador de Mathosinhos e o sr. João Vieira de da Silva, illustre consul geral do Brazil em Lisboa, mas por elles soubemos tambem os motivos d'essa falta de concorrência — uma noite de chuva torrencial, uma verdadeira noite de tempestade e não ter João Rosa teito passagem do beneficio.

O theatro não encheu, mas João Rose foi muito victoriado, muito applaudido e o motivo da não enchente não prova inteiramente nada que os espectaculos da companhia de D. Maria estivessem em decadencia.

A respeito dos artistas da companhia de D. Maria correm tambem versões desconstradas.

Uns por exemplo affirmam que Lucinda do Carmo partiu no paquete de 27 de setembro do Rio para Lisboa, tendo se desligado da empresa de D. Maria; outros affirmam que Lucinda do Carmo ficará de todo no Rio de Janeiro assim como a actriz Amelia Garraio, do Gymnasio e a actriz Judith, que segundo dizem, casou ali com o actor Augusto Antunes. Em summa não vale a pena estar a pensar probabilidades de veracidade entre estas versões, quando dentro em pouco se saberá de positivo quaes d'ellas são verdadeiras.

* * *

E a fechar esta chronica de hoje temos tambem infelizmente de consagrar algumas linhas á necrologia.

Morreu ha dias em Cascaes um filhinho do nosso presado amigo o sr. Bernardo Pindella uma encantadora creança a primogenita do seu segundo casamento.

Falleceu ha dias em Bellas a estremecida mãe do sr. Conselheiro Antonio Ennes.

Falleceu em Lisboa a esposa do sr. conselheiro Cau da Costa

Morreu o sr. Amorim Vianna honrado e estimadissimo guarda livros do Montepio geral.

A's familias dos chorados mortos os nossos mais sentidos pezames.

Gervasio Lobato.

O INSTITUTO VACCINICO CAMPOS E BOURQUIN

A descoberta da vaccina por Eduardo Jenner, em fins do seculo passado, (1) foi incontestavelmente um inestimavel beneficio para a humanidade, pois a livrou d'essa terrivel doença, a variola, que tão grande subsidio fornecia ás estatisticas obituarias, quando não deixava milhares de individuos cegos, ou desfigurados com profundas cicatrizes por toda a vida.

Nas crianças era onde o mal se propagava com maior intensidade e onde fazia maiores devastações como ainda hoje acontece. No entanto a descoberta de Jenner soffreu a opposição que soffrem todas as descobertas ou inventos, e ainda hoje ha quem conteste a utilidade da vaccina, attribuindo-lhe o germen de outras enfermidades, já que lhe não podem contestar a efficacia contra a variola.

No povo, em especial, é onde se encontram maiores prevenções contra a vaccina, attribuindo-lhe a causa de todas as doenças de seus filhos, não sabemos se até as queadas que elles dão, uma vez que os tenham vaccinado, recebendo por inoculação da lymphá todos os males do genero humano.

Para vencer estes preconceitos, muitos distinctos medicos tem luctado fortemente, desde o benemerito Jenner (2) até nossos dias, porque ainda em, nossos dias ha, quem abrigue idéas irroneas sobre a vaccina.

Em Portugal a vaccina foi conhecida nos principios d'este seculo, mas só em meio d'elle foi officialmente implantada, sendo criado annexo ao Conselho de Saude Publica do Reino um instituto vaccinico, de que foram nomeados vaccinadores ordinarios os drs. Luiz Cezar Bourquin e Alexandre José da Silva Campos.

O decreto, porém, de 3 de dezembro de 1868, aboliu o Conselho de Saude Publica do Reino e com elle o instituto vaccinico, que lhe estava annexo, incumbindo a vaccinação official, exclusivamente aos sub delegados de saude sob a direcção do delegado tecnico e superintendencia do governador civil.

Foi então que os citados medicos, drs. Bourquin e Campos, dispensados do serviço official que desempenhavam como vaccinadores, resolveram fundar um instituto vaccinico particular, o que levaram a effeito, em 4 abril de 1869 dia em que abriram ao publico as portas do seu novo instituto, na rua do Crucifixo, n.º 100, em Lisboa, onde ainda hoje funciona.

«Antevemos, — dizem os dignos fundadores d'este instituto — que teriamos de luctar com difficuldades de varias especies, sendo a principal os preconceitos espalhados adrede contra a vaccina; mas, apesar de tudo, em abril de 1869 abrimos ao publico o nosso modesto instituto vaccinico, o qual, á custa de despezas, muita paciencia, estudo e não menor dedicacão, tem já percorrido o periodo de dez annos de existencia, mostrando nós que é possivel não ser muito inferior ao zelo official a vontade perseverante da iniciativa particular (3).»

Logo no primeiro anno da sua fundação este instituto vaccinou 147 individuos, em que só teve 4 falhas, obtendo 618 pontos ou vesiculas. Este resultado foi obtido com vaccina de braço para braço. As experiencias que então fizeram com vaccina animal ou de vitella não deram resultado satisfatorio.

No relatório d'este instituto referente ao anno da sua fundação encontra-se a seguinte estatistica, esmagadora para os que combatem a vaccina:

«Os obitos pela variola em Lisboa, fóra dos

(1) A inoculação da vaccina parece ter sido conhecida na India muitos annos antes da sua descoberta por Jenner Europa.

Foi em 14 de maio de 1796 que Jenner começou as suas indagações que o deviam conduzir, senão á descoberta, pelo menos á demonstração positiva do virus vaccinico e possibilidade de o inocular dos animaes ao homem e d'este aos individuos da mesma especie.

(2) Eduardo Jenner nasceu em Berke'eye (Condado de Gloucester) a 17 de maio de 1749 e morreu na mesma cidade a 26 de Janeiro de 1823. Publicou variadissimos estudos que lhe deram geral consideração, sobrelevando a todos o estudo sobre a vaccina. As classes illustradas fizeram justiça á sua importante descoberta, enchendo os governos da Inglaterra e de outras potencias da Europa de distincções, chegando o governo do seu palz a estabelecer-lhe uma pensão de 2000 libras pela sua descoberta que elle tão desinteressadamente fez publica.

As Academias Scientificas conferiram-lhe diplomas honorificos e em varias cidades da Inglaterra e da França veem-se monumentos levantados a Eduardo Jenner.

(3) Relatório do Instituto Vaccinico de Luiz Cezar Rourquin e Alexandre José da Silva Campos, concernente ao primeiro decennio (abril de 1869 a Dezembro de 1878).

hospitales, foram 93. Das notas clinicas das certidões respectivas consta o seguinte :

Não vaccinados	82
Vaccinados, (?).....	8
Ignora-se	3
Total.....	93

Auctorisa o ponto de interrogação (?) que segue os que teem a declaração de haver sido — vaccinados — o termos a certeza que alguns individuos são dados por vaccinados sem o estarem; porém, ás vezes, os paes, para não confessarem a sua negligencia, respondem affirmativamente quando interrogados a este respeito!

No segundo anno de existencia d'este instituto o numero de vaccinados elevou-se a 287, produzindo 1:010 visciculas perfectas.

E assim tem ido progredindo de anno para anno elevando-se aquelle numero até 1892 a 22:174 individuos vaccinados sendo 10:944 do sexo masculino e 11:230 do femenino.

Mas os serviços humanitarios prestados por este instituto não se limitam só as vaccinações que faz em Lisboa; a sua acção estende-se a todo o paiz, á Africa, ao Brazil, e até a Hespanha, pois que para todos estes pontos tem exportado vaccina em tubos, a pedido das camaras municipaes, dos parochos, dos medicos e outras pessoas interessadas, alcançando sempre os melhores resultados da vaccina humana e que obtem nas operações do seu instituto, como o provam os seus relatorios que são do dominio publico.

* *

O Instituto Vaccinico Campos e Bourquin está estabelecido, como ficou dito, em um segundo andar da casa da rua do Crucifixo, n.º 100. No primeiro andar d'esta casa é o Hospital de Nossa Senhora da Victoria.

O Instituto tem varios compartimentos sendo os principaes a sala destinada para o registo das pessoas que ali vão utilizar-se dos serviços do Instituto; uma sala maior para o trabalho operatorio da vaccinação das creanças e outra mais pequena para vaccinações de pessoas adultas.

A gravura que acompanha este artigo representa uma parte da sala onde se vaccinam as creanças.

Na sala do registo, encontra-se, além dos livros de assentamento, todos os apetrechos para a conservação e exportação da vaccina. No Livro de Registo escreve-se a data da operação, o nome do operado e sua filiação idade, residência e procedencia da vaccina, se ella foi de tubo ou de braço para braço, escrevendo-se depois de verificada a vaccina, qual o resultado obtido, fazendo-se uma inspecção rigorosa pelo medico presente.

A sala da vaccinação das creanças é ampla, com grande cubagem d'ar, exposta ao Sul e Oeste, o que a faz clara e alegre, recebendo abundante luz por tres grandes janellas de peitoris, cujas bandeiras moveis permitem que o ar se renove constantemente.

A terceira sala mais pequena que a antecedente, reúne tambem todas as condições hygienicas e de confortabilidade, sendo n'esta sala que se fazem as sperações de vaccinação e revaccinação das pessoas adultas.

* *

Descrevamos agora rapidamente o modo como se faz a operação vaccinica

O operador sentado em uma cadeira collocada em um dos vãos das janellas, de costas para a luz do dia e tendo ao seu lado esquerdo uma pequena mesa com todos os utensilios precisos para a operação, faz sentar em sua frente a pessoa vaccinifera á esquerda e a vaccinanda á direita. Assim collocados começa o trabalho operatorio por se desinfecar as pustulas da vaccinifera e a região superior dos braços da vaccinanda, com uma loção feita com um pequeno pedaço de algodão hydrophilo embebido em agua borica, na proporção de 4:100. Em seguida o operador passa a lanceta na chama do alcool, incisa as pustulas levemente de modo a fazer sair a lymphá vaccinica; quando por qualquer motivo alguma pustula sangra o operador regeita a e não lhe aproveita a lymphá. Depois com a ponta da lanceta molhada na lymphá vaccinica, que sae das pustulas, faz tres ou quatro inoculações em cada um dos braços da vaccinanda.

Terminada a vaccinação a lymphá que sobeja é colhida em tubos capilares de vidro que, de-

pois de completamente cheios, são lacrados nas duas extremidades. A colheita é feita com rapidez e a lymphá assim aproveitada, apresenta-se transparente e limpida, notando se-lhe raras vezes alguma bolha d'ar.

E' n'estes tubos, perfectamente acondicionados e guardados fóra da acção da luz e do calor, que se conserva a lymphá vaccinica e assim é exportada, sendo grande o seu consumo pelos optimos resultados que d'ella se tira.

A vaccina pela serieidade e credito que este Instituto sempre tem mantido, é muito procurada pelos clinicos e lentes das escolas medicas de Lisboa, Porto e Coimbra.

A rapida descripção que fizemos e os dados estatisticos que juntamos, são mais que sufficientes para fazer conhecer a utilidade do Instituto Vaccinico Campos e Bourquin e o alto serviço humanitario que elle presta, no entanto é triste dizer que quasi metade das creanças que nascem em Lisboa (restringimo-nos só a esta parte do paiz) os seus paes não cuidam de os vaccinar, e para que se não pense que esie descuido é só peculiar a Portugal, as estatisticas estrangeiras tambem iudiciam igual desleixo.

Ainda, em 1890, o sr. Brouardel, na sessão de 11 de novembro da Academia de Medicina de Paris, fallando da despovoação da França disse que falleciam annualmente em aquelle paiz 30:000 francezes de molestias que se poderiam evitar; que d'estas uma das principaes era a variola que matava por anno 14:000 pessoas. Disse mais que as estatisticas de Paris mostram que $\frac{3}{5}$ das victimas da variola eram antes dos trinta annos de idade; e $\frac{1}{5}$ antes dos quarenta annos; isto é, em uma idade em que a morte não constitue sómente uma perda pessoal, mas tambem a perda da esperança de reproducção para mais de metade das victimas. Declarou que a lei sanitaria, que está em elaboração deve tornar a vaccinação e revaccinação obrigatorias em França. (*Semaine medical*, Paris 1890).

Segundo Bernouilli e Duvillard, a vaccina prolonga tres annos a vida media dos individuos que a recebem pouco tempo depois do nascimento. E, segundo Dumont, a vaccina em França reduziu á quarta parte o numero dos cegos (Lan-drin, *Vaccine*, Paris, 1887).

O dr. Neumann declarou no congresso medico de Vienna em 1873; «Que na epidemia de Berlin de 1872, 1:148 variolosos tratados no hospital a seu cargo, houve 140 mortos ou 12 por 100. Tinham cicatrizes de vaccina 1:030. Não tinham cicatrizes 91. Casos duvidosos 27.

O congresso medico de Nancy, em 1886 votou a favor da vaccinação e revaccinação obrigatorias. (*Annales d'hygiene publique*.)¹

E muito mais podiamos citar em favor da vaccinação e revaccinação, se não fosse já longo este artigo.

Falta nos fallar dos fundadores d'este Instituto e do distincto medico, o sr. Alfredo de Sousa, que desde 1879 cuadjava o proprietario nos seus trabalhos operatorios.

* *

Luiz Cesar Bourquin, um dos fundadores é já fallecido. Era medico pela Escola Medica de Lisboa e muito conhecido na capital como um dos melhores clinicos, sendo ainda hoje o seu nome pronunciado com o respeito e admiração devidas aos homens que prestaram serviços e tiveram incontestavel merecimento

Foi por muitos annos medico da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, e cirurgião militar da Guarda Municipal, sendo reformado em cirurgião em chefe do exercito.

Fez parte do extincto Conselho de Saude Publica do Reino e ali exerceu por largos annos o cargo de vaccinador official, com o seu collega o sr. dr. Alexandre José da Silva Campos, como dissemos.

Os relevantes serviços humanitarios que prestou em Lisboa por occasião da invasão da febre amarella, n'esta cidade, valeu-lhe a Camara Municipal condecoral o com a medalha denominada da *Febre Amarella*.

Por não menos relevantes serviços prestados ao exercito, foi agraciado pelo governo de Sua Magestade com o habito da Torre e Espada

Falleceu com 67 annos de idade, em 5 de novembro de 1879.

¹ Estas e muitas outras noticias em favor da vaccina se encontram nos Relatorios do Instituto Vaccinico de Campos e Bourquin.

Alexandre José da Silva Campos, actual proprietario do Instituto Vaccinico, nasceu em Lisboa a 29 de janeiro de 1816.

E' medico pela Escola Medica de Lisboa e tendo terminado o seu curso, em 1852 defendeu these sobre *Fistulas do recto*. Foi medico para o partido municipal de Cintra, onde exerceu a clinica durante sete annos com bellos resultados para a sciencia e para a população d'aquelle concelho.

Veiu depois estabelecer-se em Lisboa e durante quasi cincoenta annos exerceu a clinica de forma muito distincta, e dizemos exerceu porque ha já alguns annos que deixou os seus clientes, dedicando-se exclusivamente ao seu Instituto Vaccinico onde ainda opera, com inexcusable pericia, centenares de pessoas que ali vão vaccinar-se.

Foi por muitos annos medico do hospital da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, e membro do extincto Conselho de Saude Publica do Reino, onde tambem foi medico vaccinador official.

Condecorado com a medalha da *Febre Amarella*, pelos serviços que prestou á capital durante esta epidemia, em Lisboa, o governo distinguiu-o tambem com o grau de cavalleiro da Torre e Espada.

O sr. dr. Campos tem sido um dos mais dedicados apóstolos da vaccina em Portugal, e graças á sua dedicacão e esforços, o seu Instituto Vaccinico póde considerar-se o primeiro do paiz pelos incontestaveis resultados praticos que tem obtido.

Os relatorios do Instituto, feitos pela sua pena, são extremamente interessantes e mostram bem o quanto tem estudado a especialidade a que se dedica, prestando o mais valioso serviço.

O governo de Sua Magestade, tendo no mais alto apreço estes relatorios, fez expedir pela secretaria do Reino em 1880, uma portaria de louvor ao sr. dr. Campos que em seguida copiamos, como documento extremamente honroso para o illustre medico.

«Foi presente a sua Magestade El-Rei o relatorio, recentemente publicado, do instituto vaccinico particular, denominado de L. C. Bourquin e A. J. S. Campos, concernente ao serviço ali feito no periodo que decorreu de abril de 1860 a dezembro de 1878; e o mesmo augusto senhor, conformando se com o parecer da junta consultiva de saude publica, manda louvar o auctor d'aquelle trabalho, o facultativo Alexandre José da Silva Campos, não só pela dedicacão com que se entrega a tão importante ramo da medicina, como tambem pelo innegavel valor scientifico que apresentam as observações e experiencias registadas no sobredito relatorio. O que para satisfacão do mencionado facultativo, se lhe participa pela secretaria d'estado dos negocios do reino. Paço, em 23 de agosto de 1880. = José Luciano de Castro. (1)

Joaquim Felix Alfredo de Sousa, medico vaccinador do Instituto, desde 1879 é tambem um dos primeiros clinicos da capital, onde o seu nome é vantajosamente conhecido.

Nasceu em Lisboa a 20 de novembro de 1851, filho de Urbano Joaquim de Sousa, antigo empregado da Junta do Credito Publico, e de D. Maria Libania Antunes de Sousa, ambos já fallecidos.

Conhecem'o lo desde os seus primeiros tempos de estudante, e por isso somos testemunha de quanto foi laureado em seus estudos. Seguindo a sua carreira sem hesitações, alcançou louvores em muitos dos seus exames e concluiu o seu curso de medicina, na Escola Medica de Lisboa, aos 25 annos de idade, defendendo these sobre *Parasitismo Ocular*, em 1877.

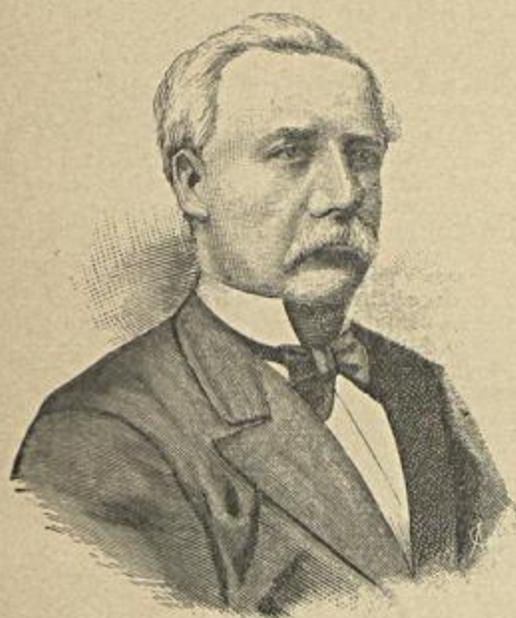
Logo que terminou o curso, entrou na clinica com rara fortuna, affirmando os seus dotes medicos, como já havia affirmado, ainda nos bancos da escola, as suas qualidades de estudante intelligente e applicado.

Para quem conhece as difficuldades da vida medica, sabe apreciar quanto estudo, serieidade e dedicacão são precisas para, em poucos annos, conquistar uma posição distincta na sua classe; e o dr. Alfredo de Sousa conseguiu essa posição, não só pelos seus dotes de homem de sciencia, mas ainda pelos seus dotes de homem de sociedade.

Alma aberta a todos os sentimentos elevados, reúne á illustração do seu espirito a extrema afabilidade de trato, desaffectedo, lhano e dedicado, o que o faz ter em cada cliente um amigo, no que,

(1) *Diario do Governo* de 28 de agosto de 1880.

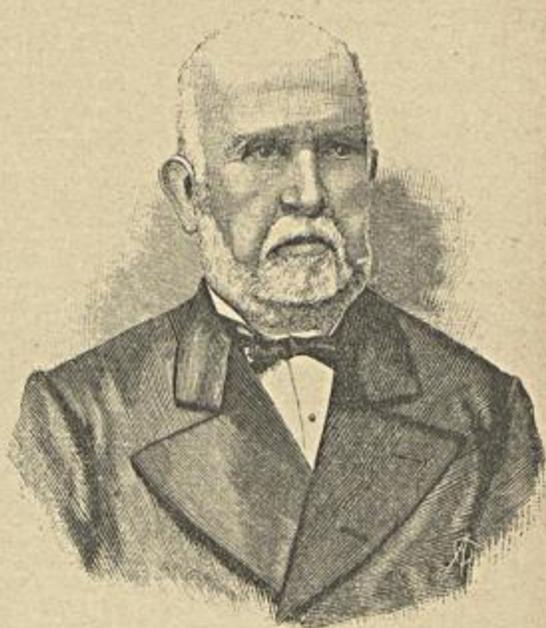
INSTITUTO VACCINICO CAMPOS E BOURQUIN



DR. ALEXANDRE CAMPOS,
FUNDADOR DO INSTITUTO



DR. ALFREDO DE SOUSA



DR. LUIZ CESAR BOURQUIN,
FUNDADOR DO INSTITUTO



SALA DE VACCINAÇÃO DAS CRIANÇAS

emfim, é justamente retribuído da inexcedível dedicação que elle tem pelos seus doentes.

O dr. Alfredo de Sousa é medico effectivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, do Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade e clinico do Recolhimento do Calvario.

Desde 1879 que se dedicou, a convite do sr. dr. Campos, á vaccinação, no Instituto Vaccinico Campos e Bourquin, onde tem secundado dignamente o benemerito proprietario d'este Instituto, sendo de uma dedicação extrema pelas crianças que ali vão vaccinar-se, operando com inexcedível pericia e desvelado carinho, aquellas cabecinhas louras a q. em a descoberta de Jenner livrou de um dos mais terríveis flagellos que victimam a humanidade.

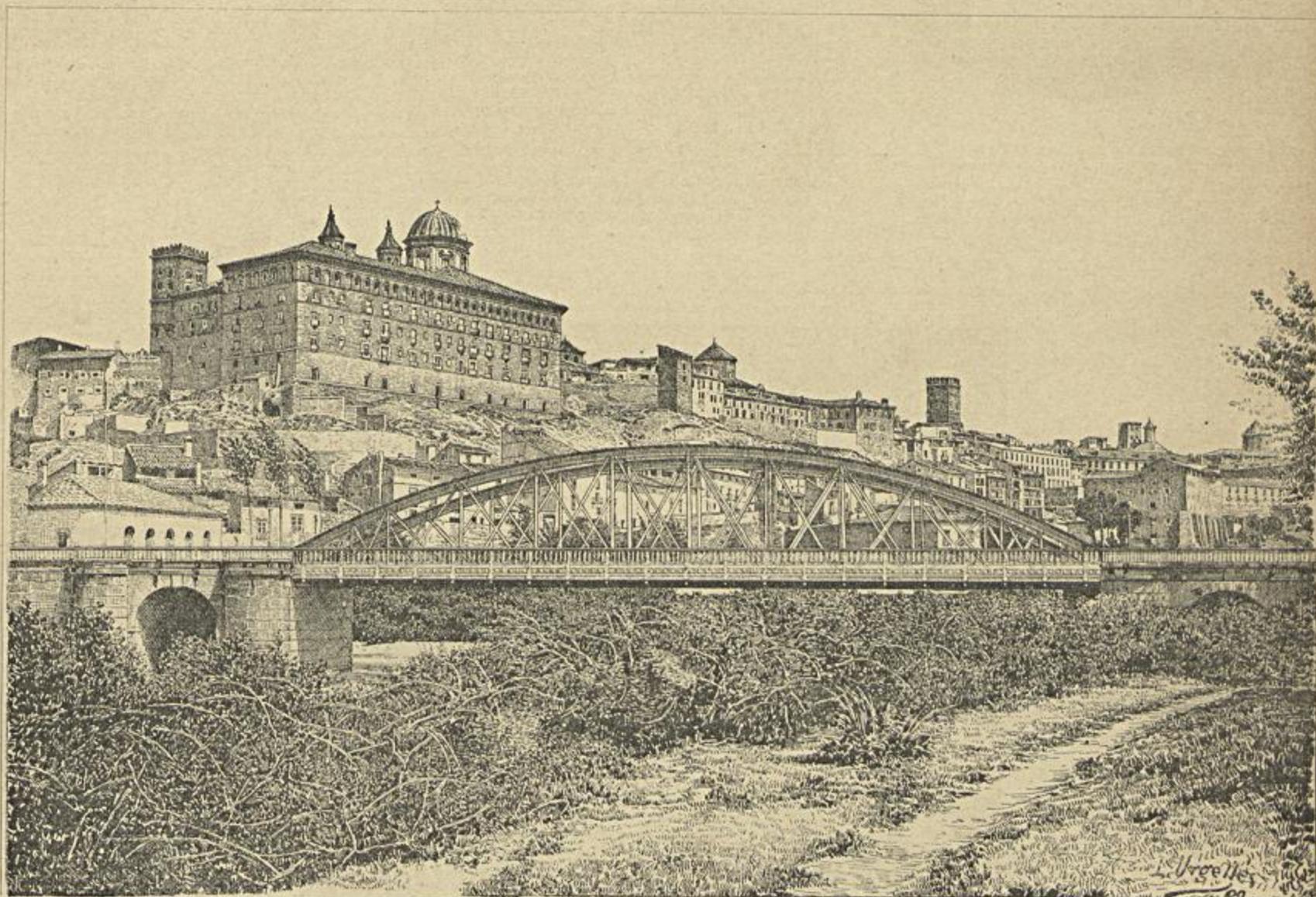
Caetano Alberto.

pre pelo amor das suas liberdades e teve lugar proeminente na antiga communa do seu nome. Foi elevada a cidade em 1348 por Pedro IV de Aragão, e tomada em 1364 por D. Pedro el Ceruel de Castella que mais tarde, cerca de 1367, a abandonou apóz o commettimento de inumeras exacções e atropellos das liberdades civicas. Na occasião da guerra da Independencia foi occupada por Souchet e, em 1843, o brigadeiro Enna bombardeou-a, sendo repellido pelos torulenses.

Durante a ultima guerra civil foi duas vezes, com grande insuccesso, atacada pelos carlistas. A população de Teruel e seus contornos é de uns dez mil habitantes; possui varias escolas, e egrejas, uma praça de toiros e diferentes instituições de beneficencia.

Entre as modernas construcções, possui uma

N'algumas apparece depurada a tradicção como por exemplo no livro do escriptor valenciano D. Isidoro Villarroya, que escreveu *Os Amantes de Teruel*, novella que acompanhou de grande numero de notas authenticando diversas passagens do seu romance. Já não succede assim no poema de Juan Yague, escripto em 1616, em que faltava bastante á verdade historica e accumulava episodios menos criveis e circumstancias arbitrarías, completamente alheias á acção principal. Nós desculpamos estes excessos de fabula, porque são proprios da phantasia d'um poeta, mas até a unidade de tempo e de lugar é menos acatada, de maneira que alterou bastante a tradicção genuína. Um escriptor de nome Montalvan, teve a bonita ideia de escrever uma comedia sobre este assumpto; foi representada em Madrid ha cerca de trinta annos.



HESPAÑA — A CIDADE DE TERUEL (Vid. artigo «Os amantes de Teruel»)

(Cópia de uma photographia)

OS AMANTES DE TERUEL

No caminho de Saragoça a Valencia e á esquerda do Guadalaviar, ergue-se a cidade de Teruel, capital da provincia de este nome. Deve, esta povoação a sua fundação a Affonso II de Aragão, isto pelo anno de 1171.

Comtudo, ainda conserva bastantes muralhas arruinadas e algumas ruinas das altas torres mouriscas cuja base são grandes arcos por debaixo dos quaes passam largas ruas. Estes arcos tem um ar vetusto que lhes dá um aspecto pittoresco a que se allia aos regulares edificios da cidade torulense. Edificada n'uma elevação alcantilada, o interior da cidade é mesquinho devido ás tortuosas ruas e ao aspecto das construcções. Apezar, de assim, ser menos formosa esta povoação, por dentro do que por fóra, é d'onde se descobrem os seus principaes edificios torreados, e se admira a bella posição. Teruel distinguio-se sem-

notavel ponte de ferro, como se vê da gravura, edificada sobre os alicerces da antiga que conduzia a outra margem do rio, que serve de ligação á estrada de Teruel a Tarancón ou a Cuenca como mais vulgarmente é conhecida. O auctor do projecto foi o engenheiro D. Luiz Corsini que em 1862 o apresentou, começando-se logo a construcção que levou até o mez de setembro de 1865, em que foi inaugurada. O custo da sua execução alcançou a importante somma de uns trinta contos de réis.

Assim, como todas as velhas cidades, não faltam a Teruel poeticas lendas, tornadas maravilhosas pela tradicção. A mais bella é indubitavelmente a de *Marcilla e Segura*, ou os *Amantes de Teruel*.

A historia de estes celebres amores esteve por muito tempo envolto em densas trevas quando por uma casualidade se recordou este acontecimento que deu motivo a inumeros poemas e novellas.

Tendo inspirado, de tal modo o espirito dos escriptores, este evento do seculo XIII, alguns d'elles explicam assim a sua origem:

Restaurada grande parte da Iberia á dominação tyranica dos sarracenos nos seculos XII e XIII da era vulgar, possuíam ainda, os ferozes arabes os terrenos mais bellos dos reinos meridionaes. As allianças entre os soberanos da peninsula se entabulavam progressivamente com a maior solidiedade que era commum a todos os hespanhoes, amantes da sua religião e da sua patria, no empenho de expulsar do territorio ibero aos fanaticos adoradores do propheta. As atencções communs de uma guerra tão prolongada como interessante e a circumstancia dos bandos e partidos em que esteve dividida Teruel entre as principaes familias, contribuiu em grande parte para que a singular aventura e tragica morte dos *amantes* se não divulgasse com a certeza e interesse que exigia um successo tão extraordinario.

Sepultados os dois heroes, da porfiada constancia, e quasi ignorados sobre a sombra da morte, haviam decorrido tres seculos e meio quando um acaso deu causa a que revivessem na posteridade os nomes de *Marcilla e Segura*:

Descobrimto e trasladação dos corpos d: amantes. No anno de 1555, procedendo-se a excações na parochia de *San Pedro*, com o intento de reedificar uma antiga capella, onde, segundo a tradição, se haviam enterrado os dois amantes se acharam dois caixões juntos e dentro de um appareceu um pequeno pergaminho no qual se pode ler: *este es Diego de Marcilla, que murio de enamorado.* Uma tão notavel circumstancia, junta á uniformidade da tradição não permittiu duvidas á credence dos torullenses de que eram aquelles os verdadeiros corpos de *Marcilla e Segura*. O estado irregular em que se encontraram depois de trezentos e trinta e oito annos, deu novo incremento a celebridade do successo e enterraram-se segunda vez na capella de S. Cosme e S. Damião na mesma parochia.

Apparecendo no anno de 1619 um manuscrito referente á historia dos *amantes*, apresentaram alguns empregados da aquella egreja, que estrabados nas narrações dos anciãos testemunhas oculares do descobrimto dos corpos de *Marcilla e Segura* na primeira metade do seculo XVI, pediram permissão para exhumar os ditos corpos.

Obtida a licença solicitada, mandaram cavar ao pé do altar dos mencionados martyres e em um carneiro sepulchral acharam os dois caixões juntos, sem que apparecessem outros, nem fragmento algum de cadaver em todo o pavimento da capella. Redigiu-se uma escriptura de quanto se praticou no acto na qual se inseriu a descripção do estado em que se encontraram, documento, que apóz de legalizado, se depositou no archivo da parochia.

No anno de 1708 foram traslados os dois esqueletos para um claustro contiguo á egreja, que servia de cemiterio, onde se acham collocados em uma maquina, digna de maior sumptuosidade, e onde se recebem diariamente as visitas de grande numero de hespanhoes e estrangeiros que passando por Teruel concorrem, alli, para satisfazerem a sua curiosidade.

Actualmente, o estado dos esqueletos dos dois amantes é o seguinte: o esqueleto de *Marcilla* está collocado ao lado esquerdo do de *Isabel*, é de oito palmos de altura e conserva-se inteiro tem a cabeça inclinada para *Isabel*, tem a face direita cheia, a orelha esquerda formada e pegada, o nariz consumido; conserva todos os dentes do lado esquerdo e alguns do direito: tem os hombros e outras partes do corpo cobertas com alguma carne meia comida. As costellas estão sensivelmente deterioradas, especialmente as apophyses dorsaes, devido talvez á humidade do caixão.

O esqueleto de *Segura* está mais deteriorado, e em grande parte separado da armação em consequencia do pouco cuidado que houve ao inhumal-o. Nas mãos e nos pés veem-se algumas unhas. O braço esquerdo está separado do corpo.

Sobre a maquina em que se acham expostos lê-se a seguinte inscripção:

AQUI YACEN
LOS CELEBRADOS AMANTES DE TERUEL
D. JUAN DIEGO MARTINEZ DE MARCILLA
Y
DOÑA ISABEL DE SEGURA
murieron em 1217, y en el de 1708
se trasladaron á este panteon.

N'um documento antigo, transcripto no livro de *Arroya — Os amantes de Teruel*, podemos a custo extrahir o resumo da historia d'estes infelizes amantes. Esse documento escripto em hespanhol antiquissimo, tem bastantes omissões devido a folhas rasgadas e a outras que faltam.

Segue a historia, segundo o que nos foi possivel entender:

Um joven chamado Juan Diego de Marcilla de vinte annos de idade, enamorou-se de Segura, uma formosa donzella, filha de P. Segura. O pae não tinha outra e era muito rico. Os jovens amaram-se em extremo, tanto que em suas conversas, lhe disse o mancebo, quanto anciava por fazer a sua mulher ao que ella respondeu que era esse tambem o seu desejo, porém que nunca o faria senão quando seu pae lhe mandasse. Consultado o pae, parece que este não estava de accordo, visto *Marcilla* ter muitos irmãos e o pae não ser bastante rico.

Então o joven disse á donzella que, visto seu pae, não o menosprezar senão pelo dinheiro, se ella quizesse esperar cinco annos, elle iria trabalhar já por mar, já por terra. Pelejando contra os

mouros ganhou n'estes cinco annos, mais de cem mil soldos. A donzella n'este tempo foi mui instada pelo pae para que tomasse marido; ao que ella lhe respondeu que não pensaria n'isso enquanto não tivesse vinte annos, dizendo que as mulheres não se deviam casar sem que soubessem governar a sua casa. O pae como a amava muito, cedeu, e ella como via que os cinco annos eram já passados e não tinha noticias do seu namorado disse ao pae que casaria. Immediatamente desposou Azagra. N'esta occasião chegou D. Diego de Marcilla e succedeu que na noite do noivado D. Isabel pedira a seu esposo lhe permittisse o rezar durante a noite em virtude d'uma promessa. O noivo deitou-se e adormeceu, e a pobre desposada ficou de joelhos rogando a Deus lhe fizesse esquecer aquelle primeiro amor, para que não fosse indigna do seu novo estado. Assim supplicava, quando ouviu uma voz doce:

Isabel! Isabel!

Voltando se surpreendida viu adeantar-se um embuçado que lhe disse:

— Nada temas. Eu sou...

— Quem? perguntou Isabel erguendo-se.

— *Diego de Marcilla!*

Elle então lançando fóra a sua rica capa, deixou-se ver com a armadura e insignias militares. Parecia o genio da guerra Segura ficára petrificada de terror. Um suor frio lhe correu pela livida fronte. Isabel, depois d'uns momentos de oppressão repetiu com desfallecido alento.

— *Diego de Marcilla!* doce nome, fatal illusão!

— Não, não sou um ser phantastico sou aquelle a quem juraste eterna fé, aquelle a quem disseses que amavas. Ainda resoam a meus ouvidos aquellas phrases que proferistes com enthusiasmo antes da nossa separação; *mortal algum, ninguém senão tu, chegará a possuir meu coração...*

— Grande Deus! interrompeu Isabel; condescendi a um hymineu involuntario. *Diego!* ao proprio ceu invocou para testemunha da minha constancia de não haver sido infiel ás minhas promessas. Poder-me ha arguir de fraca, mas não de ingrata. Não me obrigues a dizer que um raio vingador caia sobre a minha cabeça.

— Basta, interrogou *Marcilla*. Perdoa-me, eu fui o culpado.

Acrescentou depois.

— Partirei, antes da aurora, e proseguindo: vive feliz! Adeus para sempre...!

Volta-se o mancebo e dirige-se com lentidão para a porta do aposento. Mas parou de subito. Ergue os olhos ao ceu; permanece em dolorosa indecisão e voltando-se para Isabel diz com voz sumida:

— E aonde melhor do que na tua presença? Não quero a vida sem ti. Amei-te e antes... em troca... um só beijo, um beijo d'amor... de paz... de reconciliação!

— *Diego!* volta a ti! Não sou livre!

— *Isabel!* eu morro! Deus meu!... piedade!

A pallidez cobre o seu semblante, um tremor repentino se apodera dos seus membros, é a convulsão final da existencia, cahe no chão e... *já o hero da constancia penetrou os humbraes da eternidade.*

Solta Isabel um espantoso grito, desperta Azagra, seu esposo, que fica aterrado á vista de tão horrendo espectáculo. Refere-lhe a esposa a grande catastrophe. Póz Azagra a mão sobre o coração de *Marcilla*, já não palpita. O corpo arrefece. Que confusão para os desposados. Aonde occultarão o cadaver! Deverão avisar a auctoridade? Dura ir-resolução!

Decidem, apoz de muito hesitar, levar o, em segredo, para a porta da casa de seu pae o que assim fazem.

De manhã descobre o velho pae o filho estendido á porta. Soitando terriveis gritos alvoroça a familia e a vizinhança.

Procede a justiça a investigar e vê-se ter sido a morte natural. Era bem notoria em Teruel a causa da ausencia de *Diego*, e só se attribue tão infausto acontecimento á violenta commoção, effeito da intensa dor que lhe cansara o casamento de *Isabel*.

Prepara-se o enterro. E' este bem concorrido.

Entretanto o pae de *Isabel* e seu esposo esmeram-se em distrahi-la. N'este momento passava o prestito.

— Por que me detenho? exclamou ella, despojando-se das galas nupcias. Fóra adornos! Fóra respeito humanos! Unirá a morte aquelles que se não poderam unir em vida! *Diego!*... *Isabel* chama-te! Espera-me!...

Veste-se de luto, cobre-se com um veu e occulta-se na casa mais baixa do palacio, com o intuito de se introduzir no prestito.

Entra na egreja o corpo; reza-se e uma mulher se lança sobre o caixão.

O padre ergue-se e exclama: *Isabel de Segura!* O sacerdote solta um gemido horrendo. Conhece a esposa de Azagra. Convence-se de que está morta.

Geral assombro succedeu a tal espectáculo. Resoam pela egreja gritos de compaixão. Interrompem-se as cerimoniaes.

Azagra refere a morte repentina de *Diego*. Os sentimentos são uniformes, todos os circumstantes dizem que se enterrem juntos.

*

Alguns pontos de contacto, ha, n'esta historia peninsular e os portugeezes. Uma parte da acção, como se vê da epoca em que se passa, teve logar nos arraiaes sarracenos, aonde *Marcilla* pelejava, e deprehende-se que tomou parte na memoravel batalha das *Navas de Tolosa*, ferida no dia 16 de julho de 1212, na qual o exercito portugeez decidiu a victoria, auxilio este prestado por D. Alfonso II de Portugal, a pedido dos reis de Aragão, Castella e Navarra.

Nas sequencias das guerras d'aquella epoca, muitas vezes *Marcilla* se encontrou em mares mais tarde portugeezes. Por exemplo: sabe-se, por documentos, que aportara ao porto de Balsa, isto é Tavira, cidade do Algarve, que D. Sancho I conquistou, em 1189, mas que Miramolim, chefe sarraceno retomou; e cerca de 1234, D. Sancho o capello recuperou a, bem como conquistou grande parte do Algarve, conquistas, que seu irmão Alfonso III, concluiu mais tarde, em 1256.

Estas aproximações historicas, do viver de um dos *Amantes de Teruel*, junto á fama que envolve esta lenda d'uns amores tão porfiados, foi o que nos levou a pôr deante da vista do leitor a nossa estampa que representa a pittoresca cidade.

Esteves Pereira.



AS NOSSAS GRAVURAS

A CIGANA

O quadro cuja gravura, hoje, apresentamos aos nossos leitores, retrata com bastante verdade, indicio da larga observação do seu auctor o distincto artista Greeter, este typo ethnico bem conhecido.

Quem haverá que não conheça esta raça nomada que teve o seu berço na Ethiopia e no Egypto quando depois de expulsos da India, sua patria? Nas ciganas, entre as mais novas, encontram-se ás vezes mulheres d'uma belleza que tem o seu quê de selvatico, de infernal. Uns olhos negros de cuja luz forte, se ressentem a tez, que é morena.

A cigana, é de ordinario, inimiga do acao, e o seu viver de vagabunda e de errante auctorisa-lhe e augmenta-lhe essa inclinação.

É na Persia que ainda se acolhem alguns individuos d'esta raça, e cujo viver é constituído por embustes e logros para o que não lhes falta, antes sobeja uma natural astucia. Cantam ou dançam e lêem *buena dicha*. Cada partida de ciganos tem um chefe escolhido por elles proprios. A sua lingua é pouco corrupta, mas em compensação o seu viver é bastante livre.

São finas, isto é, intelligentes e tão astutas que é difficil o não ser enganado por ellas.

Os inglezes chamam-lhes *gypsies*, os italianos *zingari* e os persas *zangu*.

A Exposição Industrial Portugeza

(Continuado do n.º 531)

Grupo XIII (Instrumentos de precisão). Distingue-se n'este grupo o sr. *Alfredo de Brito*, com exposição notavel por todos os modos.

Grupo XIV (Machinas — Ferramentas e Ferramentas manuaes em geral). expõe n'este grupo, entre os expositores, já mencionados o srs. *Theo-riaga Junior; Montellano & Commandita; Eduard Candido Serra.*

Grupo XVI (Objectos de arte, de ouro, prata ou bronze fundidos ou batidos). Tem lugar n'este grupo as exposições dos senhores *Francisco Antonio Jorge Bello. Leitão & Irmão* (os objectos expostos por esta firma, foram classificados pela imprensa periodica a *maravilha da exposição*, tal é o trabalho e riqueza d'alguns d'elles. Ainda, o sr. *Henrique da Costa Pereira Menezes*, do Porto.

Grupo XVIII (Ceramica) são expositores n'este

ESTE
pelo

grupo, os seguintes: *Sylvan Bessière. Empresa Cerâmica de Lisboa. José Joaquim d'Almeida Junça. José Gregório Bandolim*, que são os mais importantes. Distinguem-se ainda a *Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha. J. Lino. Goarmon & C.ª João Raphael de Sousa Monteiro. Alberto Lima Possallo de Sousa. José Pereira Valente. Leonardo Antonio da Veiga Lopes & C.ª Real Fabrica de Louça de Sacavem.*

Grupo XIX (Vidro). N'este grupo tomam lugar com bastante honra para a industria portugueza as: *Empresa da Real Fabrica de Vidros da Marinha Grande; Empresa exploradora das minas e industrias do Cabo Mondego; Empresa Vidreira Lisbonense; André Michon; Conde do Côco*, (que apresenta bellos productos). *Fabrica de Vidros na Amora* (tallaremos mais de espaço d'esta fabrica).

Grupo XX (Produções Agricolas) expõe unicamente, n'este grupo, a *Escola Elementar de Agricultura Practica*

Grupo XXI (Produções Florestares) n'este importantissimo grupo, só ha tres expositores os srs. *Guilherme Tail. Francisco Simões Margioch e Perry Vidal. Filhos e Santos*

Grupo XXII (Merccaria e confectaria). Em tão importante grupo, expõe os srs. *Aurelio Pinto Castello Branco*, que exhibe amostras de azeite de oliveira. *Gonçalves & Carvalho*, que expõe o mesmo genero, e ainda os expositores *Diogo Urbano Correia de Oliveira. F. João Rosa. José Filippe de Sá & C.ª. Julio Rodrigues dos Santos*. Na subdivisão d'este grupo, expõe *Carlos Correia da Silva e Sociedade particular para fabricação nacional de manteiga. Companhia de Conservas Lisbonenses; Costa & Carvalho; Manuel Pereira Gomes; Gonçalves & Carvalho; Costa Lino & C.ª; Silvestre Correia Belem Chaves & Irmão, successor João Franco Lima; Alvaro Santos; Augusto Correia Brandão. Companhia União Industrial Lisbonense João José da Costa & C.ª. Joaquim Gonçalves Costa.*

Grupo XXIII (Bebidas). Tem aqui lugar importantes exposições de vinhos; notando-se as dos srs. *J. H. Andressen. Luiz de Mello Bandeira e Branco; Luiz de Mello Bandeira Coelho; Oliveira Seabra & C.ª*, nas subdivisões d'estes grupos: expõe os srs. *Jayme Pereira Coutinho; Schreck & C.ª. Joaquim Jermyno Raposo*, etc.

Grupo XXV (Branqueamento e preparação de fio e tecidos). N'este grupo, um dos mais importantes na historia da civilisação, tomam lugar com grande honra e brilho para a industria nacional, as seguintes fabricas que expõe notaveis productos, são ellas: *Companhia da real fabrica de fição de Thomar e Companhia de lanificios Portuguezes.*

Grupo XXVI (Fição e tecidos de linho). Tomam parte n'este grupo, expondo aperfeiçoados productos as seguintes fabricas: *Companhia de tecidos alliança; Companhia manufactora de linho e juta. Companhia nacional de fição e tecidos de Torres Novas; Antonio da Costa Guimarães, Filho & C.ª; Marinho Irmãos; Francisco Ramires; Recoilidas do collegio da Regeneração; Custodio J. Pereira.*

Pelo grupo XXVII (Fição e tecidos d'algodão). Expõe a fabrica da *Companhia fição e tecidos Lisbonenses; Companhia de fição Portuense; Companhia Fabril Lisbonense; Llosent & C.ª; Tinturaria Cambournac. Diogo José da Costa Arantes & Filhos. Associação fraterna dos fabricantes de tecidos e artes correlativas. Bahia & Genro. Companhia Nacional de estamparia e tinturaria. Guimarães Filho & C.ª. José Mariani. Marinho & Irmãos. Rigoni Correia de Oliveira & C.ª Custodio J. Pereira Braga & Reis. Companhia Lisbonense de estamparia e tinturaria de algodões.*

Pelo grupo XXVIII (Despojos e productos animaes); apresentam-se as exposições do *Mutadouro Municipal de Lisboa; e de Costa, Araujo e Moniz.*

Grupo XXIX (Couros e pelles). E' importante este grupo, n'elle se distinguem os seguintes expositores: *Manuel Joaquim de Brito. Manuel Joaquim da Conceição. Francisco Ferreira Godinho. Silvestre & Irmão.*

Grupo XXX (Obras de pellos e erinas). A *Companhia portugueza de escovas e pinceis*, é o unico expositor n'este grupo. Nos seus productos conhece-se uma tendencia para melhor. Os pinceis são bons e as trinchas tem boa fabricação.

Grupo XXXI (Fição e tecidos de lã). E' capitalmente este o grupo que mais notavelmente se apresenta. Os productos magnificos, já no aspecto, já na fabricação e a longa lista de expositores affirmam o que dizemos; expõe os srs. *Alçada & Mouzaco. Antonio Augusto; Lopes da Costa. Campos Mello & Irmão. Companhia de lanificios da Arrentella. Companhia de lanificios de Alemquer. Companhia de lanificios de Arroyos. Companhia de lanificios de Lordello. Fabrica de fição e tecidos de lã de B. Daupias & C.ª. José Diogo da Silva & C.ª. José Veiga successor de José Mendes. Emile Carp & C.ª. José Maria Marques.*

Grupo XXXII (Fição e tecidos de seda). Entre

outros, já citados, expõe os seguintes srs.: *H. Gabriel. José Joaquim de Oliveira. Narciso Pedro Rebelo. Francisco Ramires. Silva & Filho. Francisco Antonio Jorge Bello.*

Grupo XXXIII. (Tecidos especiaes, animaes e vegetaes). São expositores nas varias classes em que se subdivide este grupo, além d'outros já enumerados os srs.: *Ignacio de Magalhães Bastos & C.ª*, que expõe bellos productos, *Companhia manufactora de arte factos de malha*, cuja exposição é muito completa. A classe 284, subdivisão d'este grupo; *rendas* é mui notavel, distinguindo a expositora, *D. Anna Pinheiro das Dores*, de Villa do Conde que exhibe diversas especies de *entremeios*, alguns dos quaes tem nome e formas mui poeticas e artisticas. Segue-se a exposição do *Museu Industrial e Commercial de Lisboa; e a de D. Thereza de Passos Saccadura.*

Lastimamos, não vermos aqui as bellas colleções da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro. E' pena, porém sabemos que não foi convidada como o foram muitos dos expositores.

N'uma outra subdivisão d'este grupo, tomam lugar as senhoras: *D. Hortense Moraes, e D. Adelaide Maria dos Santos e Francisco dos Santos Carneiro.*

Grupo XXXIV (Vestuario) Como não podia deixar de ser, é este grupo um dos que se acha melhor representado. Para isso concorre o bastante complexo que é, dando lugar pois ao abrangimento de innumerados productos de que são expositores: os srs. *Bento Pereira da Costa; D. Elisa Adelaide Arnaut Furtado; Garcez e C.ª. José Rodrigues Custodio Bahia. Chapelaria nacional a vapor. Ramiro Leão & Commandita. Gonzalez & Trjedor. Grandella & C.ª. João Dias Neves. Manuel Custodio da Silva Miguel Manuel da Silva. Graça Duque. Antonio Paes Bacta. Thomaz Bordallo & Commandita.*

Estes expositores introduziram em Portugal a industria dos alfinetes. E' uma das novas industrias que mais futuro parecem ter.

Manuel Pinheiro Costa & Filho. João Luiz Franco. A. A. Reys & Sobrinhos que expõe uma colleção variadissima de chapéus de chuva e de sombrinhas de tamanhos diferentes e generos diversos. «E' digna de minuciosos exame a notavel colleção de productos d'este expositor (diz o catalogo e repetimol o nós), todos genuinamente portuguezes; esta industria é inquestionavelmente d'uma importancia capital e das que mais se tem desenvolvido no nosso paiz.» Emfim, é notavel por todos os respeitoos esta exposição. N'uma das diversissimas subdivisões d'este grupo encontram-se os seguintes expositores: *Gonçalves Ribas & C.ª. H. Schaelck successors. Francisco S. V. Silva e Miguel Manuel da Silva.*

Grupo XXXV. (Utensilios de quarto e de viagem). Além de outros expositores, de outros grupos, e que se representam, n'este, ha os seguintes: *Silva Rocha. J. Vainha.*

Grupo XXXVI. (Mobilia) Como se deprehende, grande é o numero de expositores n'este grupo, e ainda maior a importancia dos objectos expostos. Distinguem-se os seguintes expositores: *Barbosa & Costa. A Economica. Victor de Alcantara Knotz. José Marques da Silva*, exposição notavel, distinguindo-se uns formosos *parquets*, trabalho muito bem feito e magnifico. *Officina de S. José. Miguel Pinto Oliveira. Elisio Santos & C.ª. Antonio Correia da Silva Junior. Manuel Joaquim Xavier. Fortunato Alves Salgado. F. L. da Silva Almeida. João Martinho da Silva. Barolla e Irmão. Companhia Previdente. Francisco Iglezias. Empresa da real Fabrica de Vidros da Marinha Grande. Empresa Vidreira Lisbonense. Gonçalves & Carvalho. Francisco Antunes Prior.*

Grupo XXXVII (Obra de torneiro e embutidor). Expõe os srs. *Manuel dos Passos Azevedo. Manuel Joaquim da Mota. Manuel Joaquim Teixeira. José Umbellino Vellez*, etc.

Grupo XXXVIII. (Objectos de escriptorio). Tem lugar aqui, as exposições da *Companhia Nacional Editora. Antonio Filippe Gonçalves & C.ª. Henrique da Costa Menezes. A. J. S. Ramalho*, etc. *Augusto Gama & C.ª. A. C. Encarnação & C.ª etc.*

Grupo XL. (Brinquedos). São expositores os srs.: *Joaquim Augusto Assumpção das Neves. Antonio Lopes Castello Branco. Antonio Almeida Costa & C.ª. Joaquim Maria da Luz. Antonio Augustio de Oliveira João Leite Pereira. Eduardo Viotti & Arthur Pelaez.*

Grupo VLI (Papellaria). Expõe n'este grupo, *Astley Campbell; Companhia do Papel do Prado; Companhia propagadora de papeis pintados. Piedade & Cardoso*. E' importante a exposição dos sobriptos, fabricação de *Meco & Irmão.*

Grupo XLII (Typographia. Photographia, Cartographia, etc.) Afóra outros expositores, distinguem-se n'este grupo os srs.: *F. A. Martins de Almeida.*

Bizarro & Silva. Mendonça e Costa. S. de Magalhães Lima & C.ª. Lithographia Castro & C.ª. A. Bobone; Photographia União; Antonio Maria Serra. Augusto Xavier da Silva Pereira.

(Continúa).

Elmanoel.



REVISTA POLITICA

Não será muito que a nossa revista comece ainda hoje por fallar do pão, porque, emfim, o comer é a base principal da politica d'este paiz, como é quasi ocioso repetir.

Sim, o pão teve o seu lugar nas columnas do *Diario do Governo*, que appareceu um d'estes dias com um decreto regulando o preço porque se deve vender cada meio kilo de pão e estabelecendo o numero de padarias, que não poderá ser superior a 250, sem prejuizo das 397 que existem em Lisboa.

Começam aqui as duvidas que o referido decreto suscita, por não se saber ao certo qual o numero positivo de padarias que podem funcionar em Lisboa, visto que é permittido que continuem abertas todas as que actualmente existem. E' certo que não se dará licença a que outras se estabeleçam, mas nem isso seria necessario, porque quando algumas das que existem não convier a seus donos continuar, trespassam-as em vez de as fechar, e d'este modo o decreto só poderá ter cumprimento, n'este ponto, lá para o anno dois mil.

E' para lamentar que os fabricantes de pão fizessem chegar as coisas ao ponto de ser preciso coartar-lhe a liberdade da sua industria, por elles entenderem que o publico é que hade soffrer as consequencias do limitado fabrico que muitos padeiros fazem por não terem consumo para mais.

Segundo a theoria d'estes fabricantes, todos os estabelecimentos de venda que não fazem sufficiente negocio, em vez de fecharem as suas portas, deviam elevar os preços dos artigos que vendem, para as poderem sustentar abertas.

Esta theoria só de padeiros e deve ser resultado de somno. Elles coitados andam tão fadados de dormir, que se fizessem uma boa soneca, talvez depois acertassem com o medo de acudirem pelos seus interesses sem prejudicarem o publico.

Ora vejamos os senhores padeiros que tem pouco consumo, se reunindo se para fabricarem o pão em commum e comprarem as farinhas, poderão tirar mais vantagem do seu trabalho, pela simples razão de lhe sair mais barato o producto.

Ahí fica o conselho pelo qual não queremos nada, pois nos contentamos de vêr assim defendida a liberdade da industria.

Até aqui abriam-se os portos ao trigo estrangeiro, quando não havia trigo nacional, ou por más colheitas ou porque não chegava para o consumo, o que facilmente se comprehende por ser o pão o primeiro alimento do povo.

Agora, porém, pretende-se ir mais longe, não precisamente com um genero de primeira necessidade, mas com o vinho, que se não é uma necessidade para muita gente, não deixa, emfim, de ser indispensavel para a borracheira nacional.

De facto alguns commerciantes de vinho, attendendo á escacez da colheita, pediram ao governo para deixar entrar os vinhos hespanhoes, a fim de não haver falta do genero n'este paiz da vinha em que ha tantos irreconciliaveis com a agua.

Esta pretensão, porem, já tem levantado reclamações por parte dos vinicultores, e varias camaras municipais tem enviado ao governo as suas representações contra, o que nos parece muito justo, porque o contrario seria aggravar ainda mais a situação dos cultivadores da vinha.

A colheita, que para muitos foi nulla e para outros mal compensa os gastos feitos, reduzido o preço do vinho ainda menos produziria para os vinicultores, que não teriam meio de compensarem o capital empregado.

O vinho terá de ser mais caro, mas como não é um genero de primeira necessidade, a não ser para os bebados, bebe-se menos, como o incomparavel Taborda dizia ao seu *Tiburcio*, nas *Boas Razões*.

.....
Somos todos a pedir-lhe
E você sem se emendar,
Não beba, ou beba menos
Se se pretende salvar.

E afinal esta revista politica está-se parecendo extraordinariamente com uma revista dos mercados de trigo e de vinho; mas se a politica da nossa terra em tudo se intromette, e sabe Deus quan-

tas influencias se tem posto em campo por causa d'estes comes e bébes.

Se até se diz que os syndicatos não são extranhos a estas questões, como não são extranhos á entrega das obras do porto de Lisboa ao antigo empreiteiro sr. Hersent.

A este respeito espera-se com grande anciedade um opusculo, que o engenheiro d'estas obras o sr. Adolpho Loureiro vai dar a publico.

Emquanto não chega, porém, o opusculo do sr. Adolpho Loureiro, o publico vai se entretendo com os artigos e locaes que o *Diario Popular* publica diariamente contra o ministro da fazenda, o sr. Fuschini, em que não faltam insinuações pouco edificantes, feitas com mais ou menos levandade, como ainda ha poucos dias aconteceu a respeito de uma local um pouco mais grave e de que no dia seguinte o mesmo jornal tratava de se desculpar, dizendo que não era da redacção, sem contudo a desmentir.

Vai se chegando a estas perfeições, na campanha de descredito contra as coisas e individuos.

Em compensação trata-se da reforma da instrucção primaria e secundaria pela millesima vez, mas agora promete ficar obra decisiva a julgar pelo que já transpira da reforma.

Segundo parece um dos principaes males da instrucção é o pouco ordenado dos professores do lyceu e a falta de recompensas honorificas pelos seus serviços.

Assim consta que a reforma, attendendo ao primeiro mal, propõe o augmento dos referidos ordenados e acudindo ao segundo, propõe a criação de medalhas de ouro, de prata e de cobre para premiar os professores que mais se distinguirem no ensino.

Exactamente como nas corridas de velocipedes.

João Verdades.

NECROLOGIO

CONSELHEIRO SILVESTRE BERNARDO LIMA

Um sabio, um verdadeiro sabio, modesto, trabalhador, infatigavel. Um mestre superior, um professor eminente. Eis o que era o conselheiro Silvestre Bernardo Lima.

A medicina veterinaria, em Portugal, soffreu com a morte d'este eminente zootechnista, sabio agronomo e abalisado veterinario, uma perda enorme.

Mas não foram as sciencias, não foram ellas só, quem perderam: foi tambem o paiz, e mais, a propria Europa, pois que Bernardo Lima era citado innumeradas vezes pelos escriptores e sabios de todo o mundo, que não só acatavam as suas proposições, como tambem, estudando-as proficientemente as corroboravam.

Bernardo Lima era o vertice da figura formada pelos trabalhos dos seus contemporaneos, lectadores como elle, pela sciencia, innovadores, apóstolos do saber humano: Moraes Soares, José Maria Grande, José Maria Teixeira, João Ignacio Ferreira Lapa, e outros que inauguraram em Portugal o estudo e o ensino do grupo de ramos scientificos conjuncto á economia rural.

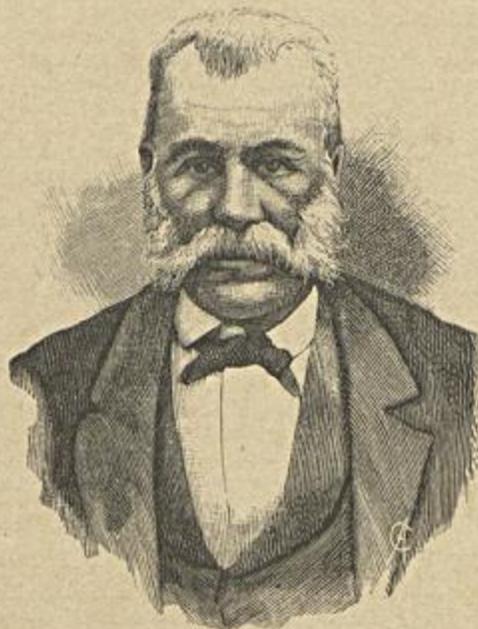
Assim como Ferreira Lapa creou em Portugal a chimica analytica, e o estudo do solo, Silvestre Lima foi o mestre da *Zootecnia* e da *Hygiene Veterinaria*, que são dois estudos levados a cabo pela philosophia, pelo estudo, pelas experiencias e observações. Não é um estudo historico, não se deprehendem leis, não se repetem os factos, criam-se, descobrem-se as formulas e indicam-se as leis. E' uma differença é uma distincção tão grande que bem se evidencia: estudar não no que está escripto, ou aconteceu, mas sim no que podemos obter, experimentar e descobrir.

E' pois o estudo philosophico, o estudo deprehensivo aquelle que teve Bernardo Lima.

N'isto se assemelha aos sabios do seculo XVI que deixando a rotina da idade media que só estudavam mechanicamente o que lhe haviam outorgado os antigos, se inclinaram a estudar o que viam, o que presentiam e d'esta forma preadvinham factos, formularam leis cuja invariabilidade ou justeza se reconheceu. Observar é a base de todo o conhecimento, observar, é mór trabalho, necessita que a ideia não busque excavar, mas sim erigir. Assim, Silvestre Lima edificou, uma grande fabrica a que Magne, Sauson e outros zootechnistas sublimados pelas academias, não ragatearam os mais encomiasticos louvores, os mais dignos elogios.

Professor e escriptor, character e aspecto, nas

primeiras entidades, derramava luz pela palavra e pela penna, no rosto havia a nobreza veneranda, austera e pura do homem de valor, no aspecto, trahia se a humildade da sua alma, humildade toda feita de modestia, toda feita de amor ao trabalho, á sciencia.



CONSELHEIRO SILVESTRE BERNARDO LIMA

FALLECIDO EM 10 DE SETEMBRO DE 1893

Não era só um sabio especial, era um encyclopedico, e d'essa encyclopedia de conhecimentos tão vastos como selectos usava como accessorio, como parte vaga, para justificar o excesso de especialidade. Conhecia a divisão do trabalho, esse subdividido dos acontecimentos humanos.

O seu cerebro encerrava — permittam-nos a maneira — uma academia, distribuiria trabalho pelos academicos, concretisara os fructos d'esses estudos e creara uma especialidade, uma sciencia que existia é verdade mas cujos limites eram e serão desconhecidos. Assim se explica como um homem como Bernardo Lima estudara tanto; possuia tão vasta erudicção subjectiva a sciencias complexas.

Os trinta annos que regeu a cadeira de Zootechnica e Hygiene, no actual Instituto de Agronomia e Veterinaria foram uma dimanação, uma defluen-



MARQUEZ DE PENALVA

FALLECIDO EM 16 DE SETEMBRO DE 1893

cia do que acadinhara pelo estudo, em seu cerebro.

A sua influencia fez-se sentir beneficemente em variados ramos da administração publica. Por morte do conselheiro Moraes Soares foi nomeado por decreto de 17 de março de 1881, director do Commercio e Industria, sendo aposentado por decreto de 25 de junho de 1886. Elaborou grande numero de propostas sobre instrucção agricola,

sobre applicação de adubos, e grandes relatorios sobre as florestas portuguezas, etc.

Silvestre Bernardo de Lima era natural de Alpiarça, de nascimento humilde, contava 69 annos de idade; era agraciado com a carta de conselho, socio da academia Real das Sciencias, cavalleiro da ordem de Christo, socio da Real associação de agricultura Portugueza, desde 1877. Falleceu a 9 de setembro de 1893.

Um aivite d'um dos nossos collegas, mais illustrados e importantes: era o de que a uma das escolas praticas da agricultura se desse o nome do fallecido mestre, como preito á memoria de quem tanto curou das coisas agricolas.

E' um monumento, é uma justiça, é o elogio mais consentaneo que se deve fazer ao luminar innovador, ao propagandista das sciencias: *Zootecnia* e *Hygiene Veterinaria*.

MARQUEZ DE PENALVA

Um verdadeiro fidalgo, de nobre linhagem e de nobres sentimentos. A velha nobreza dava-lhe provas de estima cordeal, e isto apesar de se ter retirado da alta sociedade. Como politico, foi sempre um legitimista sincero e até á morte.

D. Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, era o 4.º marquez de Penalva, decimo conde de Tarouca, oitavo senhor de Alegrete, e par do reino. Nascera no dia 26 de Novembro de 1813.

No titulo de marquez succedeu a seu avô, em 10 de dezembro de 1818; no de conde e no dos senhorios e morgados das casas de Penalva e Alegrete, a seu pae, em 21 de janeiro de 1828. Casou a 15 de setembro de 1834 com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Eugenia de Aguiar de Almeida Monroy da Gama Mello Azambuja e Menezes, filha herdeira de D. Antonio de Aguiar Monroy da Gama Menezes.

Foi na formosa estancia da Quinta das Lapas, em Torres Vedras, que falleceu o velho aristocrata. E' com profunda saudade que se vê assim desaparecerem homens de crenças e de character como as que possuia e tinha o illustre titular, esteio leal d'um partido que estremejava e venerava.

O seu enterro foi bastante concorrido vendo-se representantes da antiga nobreza e das diversas classes sociaes.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. Os folhetos n.ºs 11 e 12 da 11.ª serie. Lisboa Imprensa Nacional, 1892. São estes boletins acompanhados d'um outro folheto pequeno intitulado: *LES COLLECTIONS MINÉRALOGIQUES ET GÉOLOGIQUES installés à la Société de Geographie de Lisboa par J. M. do Rego Lima, ingénieur des mines. Lisbonne, imprimerie universelle (imprimerie de Sa Majesté le Roi) 110 — Rua do Diario de Noticias 116. 1892.* N'este curioso folheto, descreve o doutor Rego Lima a sua collecção actualmente exposta na Sociedade de Geographia de Lisboa, sobresaindo a collecção colonial. Os dois boletins, tratam da expedição ao Hume, Bibliographia; catalogo das publicações feitas pela Sociedade; Documentos de Macan (copia da correspondencia relativa á missão do conselheiro Adriaño Accacio da Silveira Pinto, encarregado do negocio com o vice-rei King em 1743). Diversas actas da Sociedade. Em todos estes trabalhos se revelam os esforços de tão prestimosa collectividade.

Annuario do Gremio Artistico Relativo a 1892 93. Lisboa, typ. franco-portugueza. E' este folheto a synthese dos actos do Gremio. Ha entre elles alguns de importancia capital, como por exemplo: a questão do professorado estrangeiro nas escolas industriaes e sua substituição por artistas portuguezes. Pelos mappas respectivos vemos que o Gremio, saldou para conta nova a quantia de 354\$075 réis tendo tido de despeza 1:740\$945 e de receita 2:102\$020. Acompanha este relatorio uma desenvolvida nota dos periodicos e obras adquiridas e offerecidas ao Gremio, o que já dá uma bibliotheca mui apreciavel.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.